

# Primeira Linha

CONSTRUÇÃO

## Mota-Engil perto de comprar posição em construtora brasileira

Empresa quer intensificar a sua aposta neste mercado, para o qual só olhou depois da entrada de Jorge Coelho para a Comissão Executiva



Jorge Coelho, Luís Filipe Pereira e Diogo Perestrello (Cuatrecasas) | Os empresários falaram da sua experiência no Brasil. O “partner” da sociedade de advogados falou na legislação das PPP brasileiras.

ALEXANDRA NORONHA  
PEDRO ELIAS (FOTOS)

A Mota-Engil está a fechar a compra de uma posição minoritária numa construtora brasileira sediada em São Paulo. Segundo disse ontem o CEO da construtora, Jorge Coelho, esta operação vem reforçar o interesse crescente da empresa no país, que é, aliás, algo muito recente.

Coelho, que esteve ontem na conferência “Infra-Estruturas e Internacionalização, um Desígnio das Empresas Portuguesas”, promovida pelo **Negócios**, não quis adiantar qual a empresa em causa, mas afirmou que nunca seria uma posição maioritária e que a construtora em causa é uma empresa de tamanho médio.

Jorge Coelho disse que quando chegou à Mota-Engil o grupo não tinha interesse no mercado brasilei-

ro, atitude essa que o responsável tentou mudar quando foi escolhido para liderar a comissão executiva da construtora. “O grupo Mota-Engil não tinha o Brasil em conta na sua estratégia”, disse o responsável que já há muitos anos estava convencido que o país tinha potencial.

Jorge Coelho explicou que antes de entrar no Brasil, a Mota-Engil contratou uma consultora com escritórios em Portugal e naquele país da América Latina. E que depois de tomada a decisão, a empresa resolveu enviar para o país um quadro brasileiro com experiência e que estava bem colocado na Mota. “Para as melhores empresas há que escolher os melhores quadros”, diz.

Depois disso, a empresa, aliada ao grupo Espírito Santo, na concessionária Ascendi, já ganhou uma concessão rodoviária e está agora a analisar o programa de obras públicas que está a ser lançado no país,

por ocasião dos eventos desportivos de 2014 (Copa do Mundo) e 2016 (Jogos Olímpicos), que vão movimentar muitos milhões de euros de investimento.

Jorge Coelho disse que escolheu São Paulo para sede da empresa porque naquela cidade, entre outras coisas, está 33% do PIB do Brasil. O CEO da Mota não quis adiantar em que projectos estará interessado, mas o programa de concessões rodoviárias de São Paulo deverá estar na mira da Mota.

### Efacec em projectos de energia

A Efacec quer, à imagem do que acontece em outros países, replicar o seu modelo no Brasil. A empresa, diz o presidente Luís Filipe Pereira, está a trabalhar em projectos no país para três centrais eléctricas a carvão.

O presidente da Efacec explicou que estes projectos envolvem um

investimento de cerca de quatro mil milhões de reais (1,83 mil milhões de euros) até 2012. Além disso a empresa tem ainda interesse no sector da manutenção em metropolitanos e aeroportos, uma área em que aliás já tem experiência.

Todos estes projectos irão ajudar a Efacec a atingir mil milhões de euros de facturação, uma meta que a empresa já tinha colocado. “Temos actualmente três empresas no Brasil e estamos interessados em concorrer cada vez mais a projectos de infra-estruturas”, disse o presidente da Efacec.

A empresa está presente um pouco por todo o mundo, sendo que o continente americano é uma das maiores apostas da Efacec, que recentemente inaugurou uma fábrica nos EUA. Luís Filipe Pereira realçou a proximidade cultural e linguística como facilitadora dos negócios no Brasil.

**O grupo Mota-Engil não tinha o Brasil em conta na sua estratégia internacional.**

**JORGE COELHO**

CEO da Mota-Engil

# Empresa portuguesa investe 230 milhões no turismo de Minas Gerais

O novo resort turístico terá um hotel, dois campos de golfe e dois aldeamentos turísticos. Mas o governo daquele Estado brasileiro garante que são precisas mais 10 mil camas



**Responsáveis brasileiros estiveram em Portugal** | Os novos investimentos do Brasil foram o mote para virem aliciar as empresas portuguesas a avançar com projectos no país.

**ANA TORRES PEREIRA**  
atp@negocios.pt

Algumas empresas portuguesas já estão a investir no Brasil, mas o Governo brasileiro quer convencer muitas mais. Uma das áreas onde os portugueses estão a apostar é no turismo. Só no estado de Minas Gerais está previsto um novo resort turístico liderado por uma empresa portuguesa, revelou Luiz Athayde, subsecretário de Assuntos Internacionais da Secretaria de Desenvolvimento Económico daquele Estado. O governante, que falava na conferência “Infra-Estruturas e Internacionalização”, promovida pelo **Negócios**, detalhou que este investimento rondará os 500 milhões de reais (230 milhões de euros).

O estado de Minas Gerais tem uma oferta de 15 mil camas turísticas, mas Luiz Athayde garantiu que precisa “de pelo menos mais 10 mil

não tem só a ver com a Copa do Mundo”. O responsável recordou que o Estado está com uma enorme dinâmica de negócio e isso irá necessitar de oferta hoteleira.

Quanto ao novo investimento português, o governante detalhou ao **Negócios** que “o projecto já tem o licenciamento ambiental” para avançar com a construção de um hotel, dois campos de golfe e dois aldeamentos turísticos. Já no que concerne ao nome da empresa, Luiz Athayde escusou-se a revelar.

O Grupo Pestana, com nove hotéis no Brasil, tem como objectivo, só para Minas Gerais, “uma parceria com grupos locais em regime de gestão ou co-investimento mais gestão”, disse José Roquette, administrador da cadeia hoteleira nacional, em declarações ao **Negócios**.

E não é só em Minas Gerais que o sector do turismo está dinâmico, também no Rio de Janeiro está pre-

visto o desbloqueio de alguns projectos. No âmbito dos Jogos Olímpicos tinham sido contratados oito navios transatlânticos para colmatar a falta de oferta hoteleira. No entanto, Ruy Miranda Reis, Secretário Municipal Especial para a Copa de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, revelou, em Portugal, que o Brasil “quer reduzir a dependência destes navios”. Neste sentido, clarificou: “vamos permitir 19 novos licenciamentos de hotéis, um investimento de mil milhões de reais (459 milhões de euros)”.

O Brasil, que conta com 193 milhões de habitantes, tem um fluxo de cinco milhões de turistas e receitas de 5,7 mil milhões de dólares (4,6 mil milhões de euros). Com a ajuda do Mundial de Futebol, que organizará em 2014, e dos Jogos Olímpicos, em 2016, o país prevê chegar aos 11 milhões de turistas e 17,6 mil milhões de dólares (14,3 mil milhões de euros) de receitas, em 2020.

**Precisamos de mais 10 mil camas turísticas e não é só por causa da Copa do Mundo.**

**LUIZ ANTÔNIO ATHAYDE**

Subsecretário de Assuntos Internacionais da Secretaria de Desenvolvimento Económico do Estado de Minas Gerais

**Vamos permitir 19 novos licenciamentos de hotéis, um investimento de mil milhões de reais.**

**RUY MIRANDA REIS**

Secretário Municipal Especial para a Copa de 2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016

## Negócios no Brasil

# “Vão para o Brasil e não se arrependerão”

As oportunidades são muitas, mas ainda existem alguns entraves ao investimento estrangeiro

Uma terra de oportunidades. É assim que o governo brasileiro quer que o mundo veja aquele país “que mais parece um continente”, segundo vários dos intervenientes da conferência “Infra-Estruturas e Internacionalização”.

No âmbito dos dois Planos de Aceleração do Crescimento do Brasil (PAC) estão previstos muitos milhões de dólares de investimento. Mas o país ainda “tem barreiras importantes a vencer”, quem o diz é o embaixador do Brasil em Portugal, Celso Vieira de Souza. O embaixador sublinhou a importância de o Brasil avançar com diversas reformas com vista a acelerar o crescimento económico previsto para o país. Celso Vieira de Souza referiu: “a reforma tributária é muito importante para que se possa diminuir a tributação que incide sobre a mão de obra”. Acrescentou ainda ser necessária uma reforma jurídica e partidária.

Não obstante estes entraves, o Brasil tem muitas oportunidades de negócio. “Vão para o Brasil que não se arrependerão”, disse Celso Vieira de Souza.

O governo brasileiro quer convidar empresas estrangeiras, entre as quais estão as portuguesas, a participarem em parcerias público-privadas previstas para o desenvolvimento de novos investimentos no país, entre os quais se destacam a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, que irão exigir um megaprograma de obras públicas e reabilitação no país.

Jorge Coelho, CEO da Mota-Engil, realçou que, na sua opinião, antes de ir para o Brasil, as empresas têm que destacar os melhores quadros para aquele país. Além disso, realçou o responsável, “nenhuma empresa deve internacionalizar-se se tiver problema financeiros. Se fizerem isso é melhor levarem também um caixão”, disse o responsável.

Luís Filipe Pereira, presidente

Nenhuma empresa deve internacionalizar-se se tiver problemas financeiros.

**JORGE COELHO**

CEO da Mota-Engil

da Efacec, elogiou o Brasil mas disse que havia ainda alguns pontos a rever na actuação do mercado face às empresas estrangeiras. Por exemplo, nos impostos e nas diferentes estruturas governativas entre os estados brasileiros, um contexto que pode gerar confusão em algumas empresas. Paralelamente, o responsável disse que os subcontratados no Brasil nem sempre facilitam o trabalho das empresas em termos de prazos e reivindicações.

O secretário especial para a secretaria da Copa 2014 e Rio 2016, Ruy Cezar Miranda, apelou à participação das empresas portuguesas nos inúmeros investimentos previstos para o país, designadamente para os dois mega-eventos. “Os empresários terão que ter em conta, nos seus projectos de candidatura, o plano urbanístico já traçado pelo governo”, aconselhou o mesmo responsável.

Outra das parcerias público-privadas possíveis neste âmbito de investimentos em infra-estruturas é outra urbanização que abrange as áreas da Barra, Copacabana, Maracanã e Deodoro, com um orçamento previsto de 28,8 mil milhões de reais (13,2 mil milhões de euros), dos quais 13 mil milhões (5,9 mil milhões) serão da responsabilidade da iniciativa privada. **ATP/AN**



As potencialidades do Brasil | Novos investimentos e parcerias estiveram no centro do debate da conferência.



Jorge Coelho, CEO da Mota-Engil, foi um dos oradores convidados da conferência promovida pelo Jornal de Negócios, e esteve também à conversa com António Castro Guerra, ex-secretário de Estado Adjunto da Indústria do anterior Governo de José Sócrates, e actual “chairman” da Cimpor.



Foram muitos os que não quiseram perder a conferência internacional sobre negócios no Brasil, promovida pelo Jornal de Negócios. O debate centrou-se nos investimentos em infra-estruturas, no âmbito do Mundial de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016.



À conversa com o director do Negócios, Pedro Santos Guerreiro, o embaixador do Brasil em Portugal, Celso Vieira de Souza, convidou as empresas portuguesas “a irem para o Brasil, porque não se vão arrender”.



Luiz Antônio Athayde, subsecretário de Assuntos Internacionais da Secretaria de Desenvolvimento Económico do Estado de Minas Gerais, (ao centro) falava com o olhar atento de Jorge Coelho, CEO da Mota-Engil (à sua frente).



Luís Filipe Pereira, presidente da Efacec, (no centro) falava com Diogo Perestrelo, sócio da Cuatrecasas, Gonçalves Pereira (esquerda), e com Mauro Guilherme Jardim Arce, Secretário dos Transportes do estado de São Paulo (direita).